

CHINUA ACHEBE

# A flecha de Deus

*Tradução*  
Vera Queiroz da  
Costa e Silva



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1964 by Chinua Achebe  
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Arrow of God

*Capa*  
Marcos Kothar

*Foto de capa*  
Reproduzida com autorização do University of Cambridge  
Museum of Archaeology and Anthropology (N.71899.GIJ)

*Preparação*  
Cacilda Guerra

*Revisão*  
Renata Del Nero  
Thaís Fotino Richeter

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Achebe, Chinua  
A flecha de Deus / Chinua Achebe ; tradução Vera Queiroz  
da Costa e Silva. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Arrow of God  
ISBN 978-85-359-1920-2

1. Romance inglês - Escritores africanos I. Título.

11-06338

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:  
1. Romances : Literatura africana em inglês 823

[2011]  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ LTDA.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone (11) 3707-3500  
Fax (11) 3707-3501  
www.companhiadasletras.com.br  
www.blogdacompanhia.com.br

*À memória de meu pai,  
Isaiah Okafor Achebe*

# 1.

Havia três noites procurava no céu sinais de uma nova lua. Sabia que ela deveria vir hoje, mas sempre começava sua vigília três dias antes do tempo, porque não podia correr nenhum risco. Neste período do ano, sua tarefa não era muito difícil, pois não se via obrigado a procurá-la no céu como tinha de fazer na estação chuvosa. Além disso, a lua algumas vezes se escondia durante muitas noites detrás das nuvens de chuva de tal modo que, quando ela finalmente surgia, já estava pela metade. Enquanto durava esse jogo da lua, o sumo sacerdote ficava acordado todas as noites, esperando.

Seu *obi* era diferente das cabanas dos outros homens. Além do costumeiro alpendre na frente da casa, havia um segundo, à direita, por onde também se entrava. Os beirais dessa entrada adicional eram tão estreitos que, sentado no chão, Ezeulu podia vigiar aquela parte do céu onde a lua tinha sua porta. Escurecia cada vez mais, e ele piscava constantemente, para clarear os olhos da água que neles se formava de tanto fitarem o céu.

Ezeulu não gostava de pensar que sua vista já não era tão

boa como antes, e que algum dia ele teria que se apoiar nos olhos de outra pessoa, como seu avô fizera quando a vista lhe falhara. Seu avô vivera até uma idade tão avançada que sua cegueira tornou-se uma espécie de ornamento. Se Ezeulu chegasse a ser tão velho, também ele aceitaria naturalmente tal perda. Mas, no presente, sentia-se tão bem como qualquer jovem, ou ainda melhor, porque os jovens já não eram como antes. Havia uma brincadeira que Ezeulu nunca se cansava de fazer com eles. Todas as vezes que lhe apertavam as mãos, ele retesava o braço e punha toda a sua força no aperto. Como não esperavam por aquilo, os jovens faziam caretas e se encolhiam de dor.

A lua que ele viu naquele dia era tão magra quanto um órfão alimentado de má vontade por uma madrasta cruel. Apertou os olhos para ter certeza de que não estava sendo enganado por uma pluma de nuvem. Ao mesmo tempo, procurou nervosamente seu *ogene*. Cada lua nova era a mesma coisa. Hoje, ele estava velho, mas o temor da lua nova que sentira quando menino não o abandonara. Na verdade, quando se tornara sumo sacerdote de Ulu, o medo fora muitas vezes dominado pela alegria de sua alta função; mas jamais morrera. Jazia por terra nas garras da alegria.

Ele tocou seu *ogene* — gom, gom, gom, gom — e imediatamente as vozes das crianças espalharam a novidade por todos os lados: *Onwa atuo!... onwa atuo!... onwa atuo!...* Ele pôs a baqueta dentro do gonguê de ferro e encostou-o à parede.

As crianças do *compound* de Ezeulu juntaram-se às outras na saudação à lua. A voz estridente de Obiageli sobressaía como um pequenino *ogene* entre tambores e flautas. O sumo sacerdote sempre conseguia distinguir a voz de seu filho mais novo, Nwafo. As mulheres também estavam no pátio, conversando.

— Lua — disse a mulher mais velha, Matefi —, possa o teu rosto, ao encontrar-se com o meu, trazer boa sorte.

— Onde está ela? — perguntou Ugoye à mulher mais nova.  
— Eu não a vejo. Ou será que estou cega?

— Você não a vê lá em cima, no topo da árvore *ukwa*? Não, ali não. Acompanhe o meu dedo.

— Ah, agora eu a vejo. Lua, possa o teu rosto, ao encontrar-se com o meu, trazer boa sorte. Mas como é que ela está aparecendo? Eu não gosto nada da posição dela.

— Por quê? — perguntou Matefi.

— Eu acho que ela está aparecendo de uma maneira esquisita. Parece uma lua malvada.

— Não — disse Matefi. — Uma lua ruim não deixa ninguém na dúvida. Como aquela sob a qual Okuata morreu. As pernas dela estavam viradas para o ar.

— A lua mata gente? — perguntou Obiageli, puxando a roupa da mãe.

— O que será que eu fiz com esta criança? Você quer me deixar nua?

— Eu perguntei se a lua mata gente.

— Ela mata meninas — disse Nwafo.

— Eu não perguntei pra você, seu nariz de cupinzeiro.

— Daqui a pouco você estará choramingando, *Usa bulu Okipili*.

*A lua mata menininhos.*

*A lua mata nariz de cupinzeiro.*

*A lua mata menininhos...*

Obiageli transformava tudo em canção.

Ezeulu entrou no celeiro e tirou um inhame da plataforma de bambu, construída especialmente para os doze inhames sa-

grados. Sobraram oito. Ele sabia que deveriam restar oito; mesmo assim contou-os cuidadosamente. Já tinha comido três e trazia o quarto na mão. Examinou novamente os que restaram e voltou para o seu *obi*, fechando a porta do celeiro com todo o cuidado.

Sua fogueira estava quase se apagando. Pegou algumas achas de lenha que estavam empilhadas num canto, colocou-as uma a uma no fogo, e pôs o inhame, como uma oferenda, por cima de tudo.

Enquanto esperava que o inhame tostasse, planejava mentalmente o que iria se passar. Era Oye. O dia seguinte seria Afo, e o outro, Nkwo, o dia do grande mercado. O Festival das Folhas de Abóbora cairia no terceiro Nkwo a partir daquele dia. Amanhã, ele mandaria chamar seus assistentes e lhes diria que anunciassem o dia escolhido às seis aldeias de Umuaro.

Sempre que Ezeulu pensava na imensidão de seu poder sobre o ano e as colheitas — e, portanto, sobre as pessoas —, ficava imaginando se aquilo era real. Era verdade que dava nome ao dia do Festival das Folhas de Abóbora e também ao Festival do Novo Inhame; porém não escolhia o dia. Era simplesmente um vigia. Seu poder não ultrapassava o poder de uma criança sobre um bode que lhe pertencia. Enquanto o bode estava vivo, era dela; ela tinha de buscar-lhe a comida e tomar conta do animal. Mas quando o bode fosse abatido, ela saberia quem era o verdadeiro dono. Não! O sumo sacerdote de Ulu era mais do que isso; devia ser muito mais do que isso. Se ele se recusasse a nomear o dia da festa, não haveria festival — não haveria nem plantio nem colheita. Mas como poderia ele se recusar? Nenhum sumo sacerdote jamais o fizera. Portanto, era uma coisa que não podia ser feita. Ele, pelo menos, não ousaria.

Ezeulu foi picado de raiva por esse pensamento, como se o tivesse ouvido de um inimigo.

— Retire essa palavra *ousar* — replicou ao seu inimigo. —

Sim, eu disse: retire! Homem nenhum em toda Umuaro tem o direito de se levantar e dizer que eu não ousou. E a mulher que vai dar à luz o homem que vai dizer isso ainda não nasceu.

Mas essa crítica trouxe apenas uma satisfação momentânea. Sua mente ainda persistia em tentar olhar muito de perto a natureza de seu poder. Que espécie de poder era aquele, se todo mundo sabia que ele não seria jamais usado? Melhor dizer que não existia, que era simplesmente o poder do ânus do cachorro orgulhoso que tentou apagar uma fogueira com seu fraco peido... Ele deu uma volta no inhame com um espeto.

Seu filho mais novo, Nwafo, entrou nesse momento na casa do pai, saudou Ezeulu pelo nome e assumiu sua posição favorita na cama de barro que ficava num canto próximo ao alpendre pequeno. Embora fosse ainda uma criança, parecia que a divindade já o havia marcado para, no futuro, ser sumo sacerdote. Mesmo quando não sabia falar mais que umas poucas palavras, fora sempre fortemente atraído pelo ritual do deus. Quase se poderia dizer que já conhecia mais sobre o assunto do que seu irmão mais velho. Mas, apesar disso, ninguém poderia ser tão temerário para dizer abertamente que o deus Ulu faria isto ou aquilo. Quando chegasse o momento em que Ezeulu não mais ali se encontrasse, Ulu poderia escolher o menos provável de seus filhos para sucedê-lo. Já havia acontecido antes.

Ezeulu cuidava do inhame muito de perto, dando-lhe volta com o espeto toda vez que o lado mais próximo do fogo ficava bastante quente. Seu filho mais velho, Edogo, entrou no recinto, vindo de sua casa.

— Ezeulu! — saudou ele.

— Olá!

Edogo atravessou a cabana do pai, ganhou o pátio interior do *compound* e dirigiu-se para a casa temporária de sua irmã Akueke.



— Vá chamar Edogo — disse Ezeulu a Nwafo.

Os dois voltaram e sentaram-se na cama de barro. Ezeulu deu mais uma volta no inhame antes de falar.

— Por acaso eu lhe disse alguma coisa sobre esculpir uma divindade?

Edogo não respondeu. Ezeulu olhou em sua direção, porém não o via com clareza, porque aquele canto do *obi* estava escuro. Edogo, por sua vez, via o rosto do pai completamente iluminado pela fogueira na qual ele estava assando o inhame sagrado.

— Edogo não está aí?

— Estou aqui.

— Eu lhe perguntei sobre o que lhe disse a respeito de esculpir a imagem de deuses. Talvez você não tenha ouvido a minha primeira pergunta. Talvez eu tenha falado com água na boca.

— Você me disse que não as esculpisse.

— Eu lhe disse isso, não foi? Que história é essa, então, que eu estou ouvindo, de que você está esculpindo um *alusi* para um homem de Umuagu?

— Quem foi que lhe contou?

— Quem me contou? Se é verdade ou não, é o que eu de-sejo saber, e não quem me contou.

— Eu quero saber quem lhe contou, porque não acho que essa pessoa possa dizer qual é a diferença entre a face de uma divindade e a face de uma Máscara.

— Compreendo. Pode ir, meu filho. E, se você quiser, pode esculpir todos os deuses de Umuaro. Se você me ouvir novamente perguntar-lhe sobre isso, pegue meu nome e o dê a um cachorro.

— A peça que eu estou esculpindo para o homem de Umua-gu é uma Máscara.

— Não é comigo que você está falando. Eu já terminei com você.